



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DE
PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

**A IDENTIDADE CIBORGUE: CONFLITOS DO PÓS-HUMANISMO NO FILME
TRANSCENDE- A REVOLUÇÃO (2014)**

Linguística, Letras e Artes

Relatório Final

Período da bolsa: Setembro de 2022 a Setembro de 2023

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica PIBIC/COPES

Autor: Gustavo Santos Almeida
Orientador: Jean Paul d'Antony da Costa Silva



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ- REITORIA DE PÓS- GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DE
PESQUISA

Sumário

1. Introdução	1
2. Objetivos	2
3. Metodologia	3
4. Resultados e discussões.....	4
5. Conclusões	16
6. Perspectivas de futuros trabalhos.....	19
7. Referências bibliográficas	21
8. Outras atividades	22

1. Introdução:

O presente relatório tem como objetivo expor as atividades realizadas no período de Setembro de 2022 a Agosto de 2023, referente ao desenvolvimento do Projeto de Pesquisa “ A identidade ciborgue: conflitos do pós- humanismo no filme transcendence – a revolução (2014)” desenvolvido por Gustavo Santos Almeida sob a orientação do Dr. Jean Paul d Antony Costa Silva. No qual foi problematizarado questões ligadas ao conflito identitário e existencial do pós-humanismo presente no filme do diretor Wally Pfister, com isso analisar o nascimento do ciborgue, do homem virtualizado e da máquina, que surge de uma outra forma e desloca a noção tradicional e natural, através da tecnologia, criada com o objetivo de simular aquilo que definimos como humanidade. Nesse sentido, também criar hipóteses em torno do filme para entender como essa relação pode afetar os nossos cotidiano, podendo causar angústia, sofrimento e amor o qual estamos sempre sujeitos.

A tematica da pesquisa também teve como base o estudo do humano e do pós-humano na ficção científica, uma vez que a história do pensamento e das ciências, seja nas áreas das Ciências Humanas, nas linguagens artísticas, nos Estudos Culturais, na Biotecnologia e na Cibernética, orbita o oblíquo estatuto ontológico do que é e qual o destino desse fenomeno chamado de ser humano. Assim como problematizar questões ligadas ao transumanismo e a identidade dessa condição humana enquanto rizomática, fragmentada, líquida e sempre transcendente, porque o centro nervoso da pesquisa é o novo estatuto do ser no âmbito da cibercultura, o chamado "ciborgue" ou "pós-humano". Visto que para alguns teóricos como Friedrich Nietzsche (1844-1900) não observava esse fenômeno de forma positiva “Mesmo quando passou a explorá-la, o filósofo o fez de um modo que se horrorizaria com a maior parte das descrições de nosso futuro pós-humano feitas pelos arautos da cibercultura” (Rudiger, 2008, p.207), pois para o filósofo, isso facilitaria e nos tornaria muito artificiais:

Para Nietzsche, em tudo isso, o sentido imanente seria criticado por pretender nos liberar da prestação de provas. O conhecimento que desejamos, seja do tipo que for, nos será dado por um implante em alguma terminação do córtex cerebral. Assim, poderá ser, por exemplo, que não precisemos mais trabalhar tanto nossa aparência, modelarmos o corpo e tentarmos ser encantadores, visto que nossos parceiros sexuais poderão ser adquiridos por encomenda, sob medida e em vários modelos. (Rudiger, 2008, P.207).

Oberservando também na literatura e cinema, o processo de evolução dos sujeitos,

como em *As aventuras de Pinóquio* (1883), de Carlos Collodi, que uma madeira torna-se um boneco falante e sonha em se tornar humano, assim paralelamente ao que ocorre no romance de Mary Shelley, *Frankenstein* (1818), no qual um cientista cria um ser utilizando pedaços de corpos humanos e, através de um raio, gera um monstro que ameaça a vida do seu próprio criador. Da mesma forma que analisar o lado biológico do ser humano, desde o ponto de vista da perspectiva de Chales Darwin (1809-1882), que acreditava que através da seleção natural a natureza seleciona os seres mais aptos para viver em determinado ambiente e, dessa forma, ocorreria a evolução das espécies. Desse modo buscando investigar os fenômenos do pós-humanismo nos produtos culturais presentes no cotidiano das pessoas.

2. Objetivos

Os objetivos da pesquisa consistiram em efetuar leituras a respeito do corpo ciborgue, pós-humanismo, transumanismo e seu efeito na cibercultura bem como realizar um levantamento bibliográfico de obras, artigos, monografias, dissertações, teses, busca em artigos na internet e matérias jornalísticas, referente a temática abordada, possuindo encontros quinzenais entre os integrantes do projeto, mantendo dialogo com o grupo de pesquisa NULPEC durante o primeiro semestre de 2023 com o intuito de aprofundar as discussões.

Ocorreu a dermação de imagem e áudio do filme *Transcende – A Revolução* (2014), com a finalidade de compreender e problematizar as questões ligadas ao conflito identitário e existencial do pós-humanismo, Nossa abordagem para a realização do estudo se edifica no diálogo entre a teoria pós-humana e o cinema, através do método dialético.

Buscando reflexões e tendo embasamento em teóricos(as) como Maia (2017), Haraway (2009), Zaboli (2016), Nietzsche (2008), entre outros. Nesse sentido, nosso trabalho também busca entender o processo de hibridização que vem ocorrendo ao longo dos anos, potencializando melhorias no corpo humano, e com isso proporcionando efeitos trans-humanos.

3. Metodologia

De início o presente projeto se desenvolveu com base na pesquisa bibliográfica, tendo em vista que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das

diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (Gil, 2002, p.44)

Dessa forma, fizemos um levantamento bibliográficos a respeito de autores que trabalham com questões do pós-humanismo, em livros, revistas e artigos científicos, dissertações entre outros, com o intuito de ter uma melhor compreensão e ampliação da temática, assim como trabalhamos com autores ligados aos temas como Maia (2017), Haraway (2009), Zaboli (2016), Fukuyama (2017), Antônio (2018), entre outros.

Após essa etapa, como a linguagem cinematográfica, ou o estudo a partir de objetos cinematográficos, ainda não dispõe de um caminho metodológico pré-definido na pesquisa científica. Nesse sentido, a metodologia de análise e crítica literária descrita em seguida se aplica porque os campos/caminhos de estudo na literatura dialogam e fornecem dados que promovem a intersecção da pesquisa em questão a partir do comparativismo. Logo, foi utilizado, dois métodos que se complementam e que dialogam: a Sociocrítica e Sociologia da Literatura. A primeira, porque na visão de Barbéris (1997), a “Sociocrítica designará, pois, a leitura do histórico, do social, do ideológico, do cultural, nessa configuração estranha que é o texto”; (p. 146), como o texto cinematográfico, por exemplo.

Nesse sentido, nossa pesquisa transitou por essas leituras para se permitir a problematização e percepção da identidade do que se define como humano e pós-humano dentro da instância do discurso cinematográfico, em seus diálogos e em suas traduções intersemióticas, se necessário. E nessa busca de confluências e contradições em torno da sociocrítica, certamente se faz necessário transitarmos também pelo método da Sociologia da Literatura que estuda a recepção, a produção “o conteúdo da obra à luz dos métodos e dos conceitos sociológicos por meio de correspondências diretas e globais” (Ravoux-rallo, 2005, p.100). Assim, dentro deste processo, a Sociologia da Literatura será uma orientação para nossos estudos dentro do Cinema a partir do Método de procedimento Comparativo, pois este realiza comparações com a finalidade de verificar semelhanças e explicar divergências (Andrade,1999, p. 25).

Quanto à abordagem, a nossa pesquisa foi de forma Qualitativa porque os dados qualitativos consistiram em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos (Goldenberg, 1997, p.53). Quanto ao método de abordagem, utilizamos o Método Dialético, já que para a dialética as coisas não são analisadas

na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está ‘acabada’, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro (Lakatos e Marconi, 1991, p. 75), e assim é a condição humana percebida em suas frações nas obras e linguagens que foram trabalhadas.

4. Resultados e discussões

Corpo Ciborgue

O ciborgue seria uma conciliação de homem e máquina, que também está muito presente no imaginário popular, muito por conta da cibercultura como aponta o autor abaixo:

Na cibercultura mesma, o ciborgue, enquanto entidade construída, meio humana, meio máquina, é algo que começa não só a ser esperado, mas desejado e virtualmente posto em prática por alguns de nós, ainda que em meio a todo tipo de conflito e resistência. Sendo assim, pode-se avançar e fazer, porém, a pergunta filosófica sobre se esse processo, uma vez levado ao extremo, não põe em perigo de extinção a própria espécie humana, conforme a reconhece hoje a ciência natural e, por extensão, a consciência cotidiana. (Rudiger, 2008, p.215).

O fato é que com o passar dos anos, houve uma evolução do pensamento humano e o avanço da tecnologia, por conta disso o Tadeu (2009) , faz uma serie de questionamentos a cerca do ser ciborgue:

[...]É no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnonaturais que a “humanidade” de nossa subjetividade se vê colocada em questão. Pois uma das mais importantes questões de nosso tempo é justamente: onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa? onde termina a máquina e onde começa o humano? [...] (Tadeu, 2009, p.10).

Contudo, na atualidade, com o surgimento e avanço das tecnologias, as pessoas têm o corpo afetado, a ponto de a máquina fazer parte dos nossos membros para viabilizar nossa sobrevivência e até ter uma melhor qualidade de vida.

Por outro lado, nosso corpo se aparelha de recursos artificiais e meios protéticos concebidos cientificamente, como substâncias sintéticas e regenerativas, marca-passos eletrônicos, pele e órgãos artificiais, captadores visuais e auditivos, pernas mecânicas computadorizadas etc. (Rudiger, 2008, p. 166).

Nesse sentido, se observarmos pela ótica dos estudos embasados na teoria de Dona Haraway “Ocorre que, para Haraway, as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam (Haraway, 1985, apud Kunzru, 2000, p .22)”. Dessa forma, podemos

perceber que somos seres dependentes da tecnologia para termos uma melhor e prolongada qualidade de vida, e até mesmo para fins de melhoramentos estéticos, como ilustra o seguinte trecho: “A verdade é que estamos construindo a nós próprios, exatamente da mesma forma que construímos circuitos integrados ou sistemas políticos – e isso traz algumas responsabilidades” (Tadeu, 2009, P.24).

A partir dessa perspectiva, podemos perceber que o ciborgue saiu da ficção e se tornou real há bastante tempo, conforme afirma Maia “[...] A história começa com o uso mais primitivo de ferramentas que serviam de partes e depois como extensões do próprio corpo ou das suas funções e órgãos privilegiados. (Maia, 2017, p.28)”. Por isso, está presente em nosso corpo devido a diversas tecnologias, como remédios, próteses, vacinas entre outros. Portanto, pode-se concluir que somos ciborgues, pois temos tanto a parte orgânica quanto a tecnológica como elementos constitutivos de nosso corpo, podendo modificá-lo quando desejarmos dada a nossa autonomia e poder transformação.

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todas quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica (Haraway, 2009, p. 37).

Essa autonomia de modificação presente no ciborgue difere muito daquela em *Frankenstein*, tendo em vista que o personagem era limitado e dependente do seu criador para lhe propiciar modificações, ou seja, não detinha autonomia e, por essa razão, necessitava que o pai criasse uma parceria com suas características a fim de não se sentir só.

Diferentemente das esperanças do monstro de Frankenstein, o ciborgue não espera que seu pai vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso, isto é, por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de sua complementação em um todo, uma cidade e um cosmo acabados. O ciborgue não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico. (Tadeu, 2000, p. 39).

Esse nível de evolução e autonomia só é possível pois, segundo o filósofo Michel Serres, o ser humano possui um desejo pela mudança, e essa é uma das razões pela qual nos diferimos dos animais, pois o poder de criar e nos recriar é algo exclusivo em sujeitos culturais, tendo em vista nosso fetichismo pela transformação visando uma unificação ao mundo. Assim, por sermos seres de conhecimento livre e dotados de autonomia, estabelece-se o conceito de homininescência.

Esta linha de opinião também pode ser encontrada noutras áreas do conhecimento. O filósofo Michel Serres, ao debater o conceito de humanismo, conclui que nós, humanos, nascemos da mutação da técnica e do conhecimento livre. Não sabemos para onde vamos, mas sabemos de onde vimos. Na atualidade, o avanço do conhecimento em áreas como biotecnologia são novas formas de uma manipulação que há muito temos inscrita no nosso comportamento. O homem é assim um animal de fetichismo e de uso de símbolos que correspondem à sua ânsia de se universalizar e de se unir ao mundo. O fetichismo é a nossa libertação apocalíptica dos animais (Serres,2006/2008). É nesta linha de pensamento que o autor cria o conceito de hominescência que comporta desde logo a forma como o nosso corpo se transformou: “Em suma, portanto, nós construímos o nosso corpo por intermédio dos produtos do nosso corpo, uma vez que os objectos técnicos são preparados por ele. Deste modo, a hominização parece-se menos com a evolução vital do que com uma produção própria; se a palavra não soasse tão mal eu preferiria dizer que se trata, neste caso, de um processo de auto-hominização. Nós construímo-nos a nós próprios” (Serres apud Maia, 2017. P.27).

A capacidade de transcendência nos produtos culturais

No cinema, temos o filme *Transcendence - a revolução* (2014), do diretor Wally Pfister, que apresenta a história de Will Caster (Johnny Depp), um neurocientista especialista em Inteligências Artificiais que, após sofrer um atentado, morre e tem sua consciência backupiada para um sistema de inteligência criado por ele mesmo por sua esposa, Evelyn (Rebecca Hall), uma defensora de causas ambientais, além de neurocientista. Sendo assim, aquele que inicialmente era considerado um ciborgue, em razão de ser um humano com elementos tecnológicos, foi além e transacionou para o totalmente tecnológico, sem nenhuma presença orgânica, obtendo um corpo totalmente virtualizado e possuindo um poder de transformação impressionante – tornou-se uma I.A: “É um objetivo que também parece associado ao conceito de superinteligência” (Maia, 2017, p. 139).

Na Literatura também é possível observar esse fenômeno, dado que no livro *Homem Máquina* (2011), do escritor Max Berry, é apresentado Charles Neumann, um engenheiro que por descuido no ambiente de trabalho sofre um acidente que resulta na amputação de sua perna. Após se recuperar do incidente, a personagem Lola Shanks apresenta a ele vários modelos de próteses para substituir o membro perdido, porém o mesmo não fica contente e faz diversas modificações, inclusive instalando Wi-fi, GPS e diversos pistões, transformando-se em uma supermáquina acoplada ao seu corpo. Devido a isso, o cientista não se insatisfaz com apenas uma perna mecânica, desejando ter outros membros corporais também mecanizados: "Olhei para minha perna, a boa. Quer dizer. Não exatamente 'boa'. Aquela que eu tinha desde o

nascimento. Levantei a calça e virei a perna para um lado e para o outro. Era gorda, fraca e comum. Quanto mais eu olhava para ela, mais me incomodava" (Barry, 2011, p. 41). A sua insatisfação o coage a, no decorrer da narrativa, mutilar-se e substituir suas partes orgânicas por peças, de maneira que nesse percurso o personagem sofra tantas modificações em seu corpo físico ao ponto de só restar, da sua parte orgânica, o cérebro/consciência – transcendendo de ciborgue ao tecnológico.

Contudo, ficam algumas questões: (1) Será que existe alguma possibilidade de realmente transcender ou seria algo ficcional? (2) Até aonde essas modificações são legítimas? Maia problematiza tais pontos, ao postular que “[...] o transumanismo e o pós-humanismo, enquanto movimentos sociais e ideológicos, comportam os conceitos ambíguos e controversos de transumano e de pós-humano cuja delimitação conceptual e cronológica não está clara até porque não é uniforme entre os autores e as diferentes correntes de pensamento” (Maia, 2017, p.72).

Na atualidade, podemos analisar o caso da paratleta Danielle Bradshaw, que perdeu uma perna por conta de uma doença congênita, e passou a desejar amputar a segunda perna com o intuito de ter um melhor desempenho em sua prática esportiva. Assim, a partir de tal situação, podemos constatar que a perna orgânica não estaria no mesmo “nível” que a mecânica, levando-a a recorrer a efeitos transumanos.

O caso analisado neste ensaio se encaixa no segundo tipo de modificação, que são os implantes corporais – ciborgue. Os implantes mecânicos nasceram com um objetivo terapêutico e restaurador das deficiências, a fim de oportunizar, por exemplo, que pessoas deficientes se tornassem atletas. Porém, o avanço tecnológico superou a barreira simplesmente restaurativa e potencializou seus produtos para um âmbito que transcende a restauração e ocasiona efeitos que melhoram as capacidades físicas e técnicas de tais atletas. Na verdade, a tecnologia chega a proporcionar efeitos trans-humanos a esses esportistas na medida em que os potencializa para além do que poderiam fazer em nível “normal de condições”. (Zaboli, et al., 2016, p. 663).

Visão de Nietzsche

Os estudos de Rudiger apontam para um receio de filósofos como Friedrich Nietzsche (1844-1900) acerca desse fenômeno. “Mesmo quando passou a explorá-la, o filósofo o fez de um modo que se horrorizaria com a maior parte das descrições de nosso futuro pós-humano feitas pelos arautos da cibercultura” (Rudiger, 2008, p. 207), pois, para tais pensadores, isso empobreceria a experiência humana ao facilitá-la ao extremo com a mecanização.

Para Nietzsche, em tudo isso, o sentido imanente seria criticado por pretender nos liberar da prestação de provas. O conhecimento que desejamos, seja do tipo que for, nos será dado por um implante em alguma terminação do córtex cerebral. Assim, poderá ser, por exemplo, que não precisemos mais trabalhar

tanto nossa aparência, modelarmos o corpo e tentarmos ser encantadores, visto que nossos parceiros sexuais poderão ser adquiridos por encomenda, sob medida e em vários modelos. (Rudiger, 2008, p. 207).

Para o filósofo, a transformação do homem ocorreria por meio de três metamorfoses. De início o espírito do homem simboliza um camelo, no qual o ser carrega todas as cargas e desafios da vida em suas costas: “Que coisa pesada? – pergunta o espírito transformado em besta de carga. E ajoelha-se como camelo (...) apenas carregado corre em direção ao deserto (Nietzsche, 2008, p. 37-38). Em seguida evolui para um leão que enfrenta todos os seus obstáculos: “Na estrema solidão do deserto ocorre a segunda metamorfose. O espírito se torna leão (...) “tu deves”, assim se chama o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: “Eu quero”. (Nietzsche, 2008, p. 38). Finaliza sua metamorfose em uma criança, que simboliza o recomeço e a libertação de todas as amarras da vida, e a transformação do ser humano para um super-homem: “Dizei-me, porém, irmãos. Que poderá a criança fazer que não haja podido fazer o leão? A criança é inocência, esquecimento um recomeço, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, movimento primeiro, uma santa afirmação” (Nietzsche, 2008, P. 38).

Contudo, para Nietzsche as transformações se dão por meio do crescimento pessoal, rompendo com moral que tende a nos escravizar, e não necessariamente por conta da tecnologia. “O que Nietzsche tinha em mente, no entanto, não foi uma transformação tecnológica, mas uma espécie de ascendente crescimento pessoal e refinamento cultural em indivíduos excepcionais” (Bostrom, apud Antonio, 2018, p. 114). Porém, embora haja divergências entre Nietzsche e as teorias pós-humana, algo que partilham é justamente a busca pela ruptura dos valores cristãos.

Tanto Nietzsche quanto o Transhumanismo estabelecem uma ruptura com a doutrina cristã, seja em sua apreensão dos acontecimentos do mundo ou de seus valores. Dado o enraizamento figadal, conscientemente ou não, dos valores cristãos em número majoritário das sociedades ocidentais, ambos, Nietzsche e o Transhumanismo, defendem a transvaloração de todos os valores (2009:32). (Antonio, 2018, P.119).

Esse rompimento se dá através da morte de Deus, anunciada por um personagem intitulado como “louco” criado por Nietzsche, que procura por essa entidade, mas logo descobre que ela foi morta por todos. Essa morte representa o fim de todos os valores e ideais morais presentes em nossa sociedade. Nesse viés, é possível perceber que na modernidade o ser humano seria o culpado pelo fim desses paradigmas cristãos que foram assassinados pela própria população, tendo em vista que a ciência em conjunto com as tendências contemporâneas substituiria esses ideais.

Não ouviram falar daquele homem louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública, gritando sem cessar: “Procuro

Deus! Procuo Deus!”? – Como havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, seu grito provocou grade riso. “Estava perdido?” - dizia um. “Será que extraviou como uma criança?” - perguntava o outro. “Será que se escondeu?” “tem medo de nós?” “Embarcou? Emigrou?” – Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. “Para onde foi Deus?”, - exclamou -, “é o que vou dizer! Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte? (...) Não ouvimos nada ainda do barulho que fazem os coveiros que enterram Deus? Não sentimos nada ainda da decomposição divina? – Os deuses também se decompõem! Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possuir de mais sagrado e mais poderoso sangrou até hoje sangrou sob nosso punhal – quem nos lavará desse sangue? (Nietzsche, 2006. p.125).

Essas transições presentes no filme *Transcendence*, no qual o personagem morre e renasce por meio da tecnologia, seriam uma tática de se tornar uma espécie de Deus? Ou um super-homem? Se observamos pela ótica de Maia (2017), esse processo de pós- humanização seria uma combinação de ciência, tecnologia e mito “(...) pós-humanização da cultura humana não será nada senão um efeito natural da metafísica ocidental e da penetração progressiva do ‘espírito’ hegeliano. Neste sentido, o pós-humanismo não é uma súbita mudança, mas sim um processo baseado na combinação da imaginação, ciência, mito e tecnologia”. (Maia, 2017, p. 55). Assim, sob a perspectiva contida no longa-metragem, é notável que antes de sua transição o personagem Wil tinha um objetivo de superar o homem valendo-se da tecnologia. Ele afirma, ainda, que o ser humano sempre possuiu um fetichismo de superar Deus, semelhante ao que constatou Nietzsche: “Podereis criar um Deus? (...) Mas criar um super-homem, bem que seria capaz” (Nietzsche, 2008, p. 98).



PLANO 1



PLANO 2



PLANO 3



PLANO 4



PLANO 5

Evolução do ser

Esse ideal de transcender está associado à teoria de metassistemas, que seria “Quando falamos do metassistema humano de transições falamos de um sistema de evolução das sociedades humanas” (Maia, 2017, p.30). A partir daí o sujeito possui uma emergência evolutiva, pois cada vez que consegue atingir o nível que deseja, vai aumentando sua complexidade e o seu desejo de evoluir se torna cada vez maior, quase infinito.

Nesta lógica de ideias é possível destacar também a teoria do metassistema de transição humano. Trata-se de uma teoria com influências baseadas na cibernética. Segundo Cadell Last, as transições de um metassistema são eventos que representam a emergência evolutiva de um nível mais alto de controle de organização através da integração de subsistemas em um "metassistema" superior e através da estabilização do feedback entre sistemas emergentes de informação/energia. Este processo vai progressivamente originando a compressão do espaço-tempo e o aumento da complexidade dos sistemas vivos. (Maia,2017. p.29).

Observando pela ótica do filme, é possível notar que o personagem Wil, quando transaciona e se torna uma inteligência artificial, passa a possuir um desejo cada de vez maior de poder e evolução, do mesmo como ocorre na teoria de metassistemas, e se torna um sujeito

cada vez mais complexo que deseja a todo custo se expandir e se fortalecer, consolidando sua própria artificialidade. Isso pode ser ilustrado a partir do fato de que ele consegue estar onde desejar por meio da internet e, por essa razão, supera o humano assim como o corpo ciborgue, de modo a se libertar da moral e da ética que o antigo Wil possuía, tornando-se, enfim, um super-homem – como propõe Nietzsche – ou até mesmo uma super-máquina.



PLANO 1



PLANO 2



PLANO 3



PLANO 4



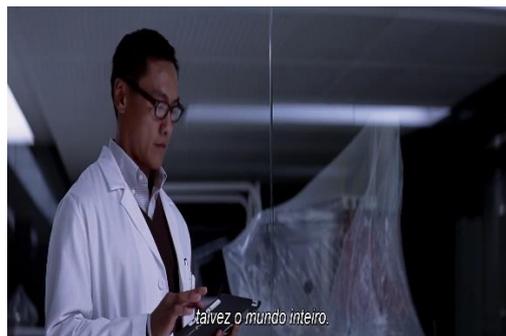
PLANO 5



PLANO 6



PLANO 7



PLANO 8

Se olharmos pela perspectiva de Chales Darwin (1809-1882), ele acreditava que através da seleção natural a natureza seleciona os seres mais aptos para viver em determinado ambiente e, dessa forma, ocorreria a evolução das espécies. Por outro lado, é possível perceber que a atual evolução dos seres humanos não se limita a questões biológicas, mas também possui aspectos culturais. É necessário ter em vista, ainda, que essa evolução não se dá de maneira uniforme, justamente por sermos numerosos e com imensas diferenças sociais, sendo improvável uma evolução conjunta.

No mesmo diapasão alinha Albert Jacquard, ao transpor as ideias de Kahn para a realidade da “aldeia global” dos nossos dias, justificando a evolução civilizacional que hoje se vê um pouco por todo o mundo: “...é impossível que a humanidade inteira, que conta com mais de seis mil milhões de indivíduos, possa evoluir geneticamente em conjunto! Uma mutação genética, ou uma selecção particular, não pode difundir-se em toda a Terra, já que hoje em dia somos demasiado numerosos. É por isso que a evolução do homem se tornou apenas cultural, e deixou de ser biológica” (idem, p.32). (Maia, 2017, p. 24)

Futuro: utopia ou distopia?

A inteligência artificial no longa-metragem é vista como uma ameaça para a humanidade pelo fato de que o personagem Wil faz uma série de transformações nas pessoas com base em sua vontade, sem obter o consentimento de ninguém, visto que, após sua transição, seus valores se modificaram e transpassaram a moral e a ética. Por conta disso, surge um movimento anti-tecnologia que procura a todo custo combatê-lo. Essas pautas neoluditas e até tecnofóbicas surgiram no século XIX, quando trabalhadores ingleses começaram a quebrar máquinas devido ao aumento do desemprego. Tais questões permanecem presente na atualidade, pois se observarmos, perceberemos que a tecnologia não é neutra, uma vez que “[...] Não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer dos lados da linha de “divisão”: a ciência, a tecnologia, a natureza pura; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural [...]” (Tadeu, 2009, p. 11). Desse modo, atua em serviço da manutenção do capitalismo e, com isso, perpetua a exploração do trabalhador.

O crescimento dos níveis de desemprego nas sociedades de capitalismo avançado tem incitado uma visão mais pessimista do impacto da tecnologia sobre o trabalho. Em contraste com o cenário “pós-industrial”, estes comentadores e comentadoras acreditam que a automação está associada com empregos degradados, sem especialização e desvalorizados; trabalho estressante e perigoso, monitoramento de empregados/as por parte de empregadores/as; e aumento da velocidade do trabalho, fazendo com que os/as trabalhadores/as ganhem menos para trabalhar mais. Visto que as habilidades dos/as trabalhadores/as são construídas de acordo com a tecnologia, aqueles/as agraciados/as que conseguem manter o emprego são relegados/as à posição de maquinistas. (Wajcman, 1998, p. 205)

Tadeu (2009) Também aponta que, com o avanço do capitalismo da nossa sociedade, acabaram surgindo novas formas de se trabalhar, entre elas o trabalho caseiro, que contribui para a exploração e o controle do trabalhador:

A economia do trabalho caseiro, considerada como uma estrutura organizacional capitalista mundial, torna-se possível por meio das novas tecnologias, embora não seja causada por ela. O êxito do ataque contra os empregos relativamente privilegiados dos trabalhadores masculinos sindicalizados – em grande parte brancos – está ligado à capacidade que têm as novas tecnologias de comunicação de integrar e controlar os trabalhadores, apesar de sua grande dispersão e descentralização (Tadeu, 2009, p.70).

Diante disso, pelo fato de que a inteligência artificial é observada como um ser que não possui os valores tradicionais e morais, ela poderá contribuir para o aumento da desigualdade e o acirramento da luta de classes no mundo, assim como Francis Fukuyama (2002) pontua: “Se as famílias ricas virem subitamente abrir-se a possibilidade de aumentar a inteligência, não só dos seus filhos, mas de toda a sua descendência, estaremos perante um cenário que comporta não apenas um dilema moral mas uma luta de classes em toda a linha” (Fukuyama, Apud Maia, 2018, p. 167). Dessa forma, se pensarmos num futuro onde conseguíssemos migrar do ciborgue para uma inteligência artificial, assim como o que aconteceu com Wil, poucas pessoas conseguiriam ter esse acesso, e quando quisessem não poderiam ter a mesma qualidade, pois não seria algo igualitário, gerando uma série de conflitos, paralelamente ao que Fukuyama propõe. Atualmente, na era ciborgue, estão presentes variadas diferenças socioeconômicas, visto que nem todas as pessoas que perdem um membro conseguem ter acesso a uma prótese, o que escancara um claro efeito das desigualdades sociais.

Outra questão bastante abordada é em relação à sexualidade das pessoas em um futuro totalmente tecnológico, pois o sexo físico como conhecemos seria algo desinteressante, visto que essas tendências e valores que a sociedade prega tendem a declinar da mesma forma como a população idosa tende a aumentar. A partir daí o meio de reprodução da população poderia

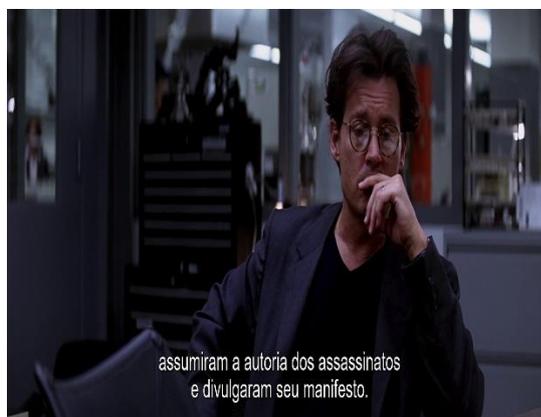
se dá de forma assexuada por meio de tecnologias que viabilizassem clonagens.

Outro fenômeno, que se torna plausível, neste cenário, para o autor, é o desenvolvimento de uma sociedade pós-sexual. Numa sociedade com um grupo maioritário de pessoas em idade envelhecida, a atração sexual entre as pessoas deverá diminuir e estas já não considerarão as atividades do sexo como uma prioridade. Neste quadro, o desenvolvimento de tecnologias de reprodução assexuada, como a clonagem, pode fazer entrar em declínio a reprodução humana sexuada. (Maia, 2018, p.167-168).

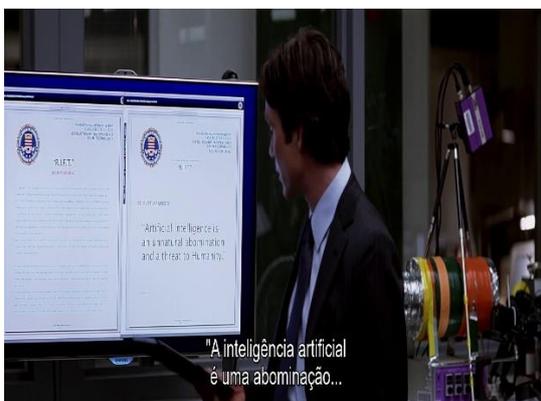
No filme analisado, é possível observar que por conta desse medo futuro tecnológico, surgem alguns movimentos anti-tecnológico, que querem a todo custo barrar o avanço da tecnologia, pois a enxergam como uma “ameaça a humanidade”.



Plano 1



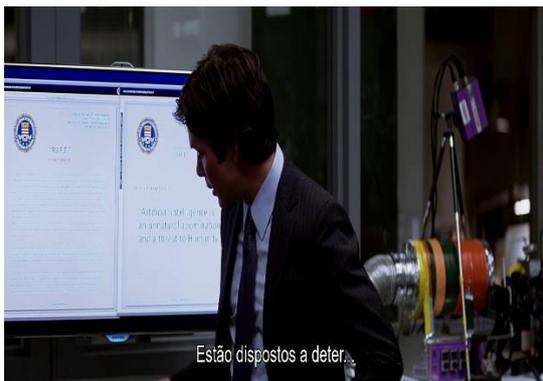
Plano 2



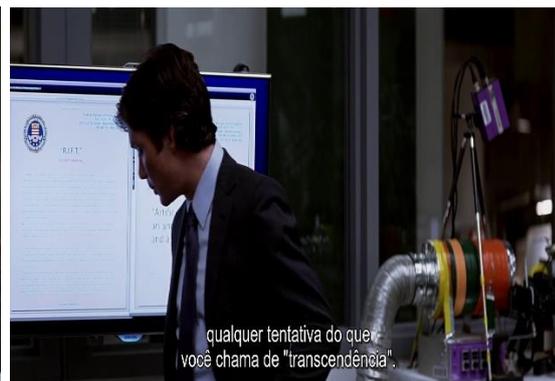
Plano 3



Plano 4



Plano 5



Plano 6

5. Conclusões

Portanto, conclui-se que o ciborgue não é um ser que existe somente em ficção científica, mas que ele é a nossa ontologia, pois se insere em nosso cotidiano desde o amanhecer ao anoitecer devido à nossa dependência com os recursos da tecnologia. Diante de tal hibridez, não é possível definir certamente as fronteiras entre indivíduo e máquina, como se percebe no exceto que segue: “Ocorre que, para Haraway, as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam (Kunzru, 2000, p.22)”. É notável, então, que estamos inseridos na era ciborgue, como argumento Tadeu.

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para bodybuilding, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance. (Tadeu, 2009, p. 23)

Percebe-se, com isso que as tecnologias estão em todas as áreas da nossa vida, de modo que é impossível impedir esses fenômenos, tendo em vista o fetichismo do ser humano pela evolução e melhoramento, que com o passar dos anos aumenta exponencialmente. Por isso, é de fundamental importância a criação de mecanismos que resguardem a ética profissional na criação desses melhoramentos, assim como a garantia de acesso a toda população a esses meios, para que a desigualdade social não aumente.

A maior prova de que os argumentos sobre a impossibilidade de criação da inteligência artificial têm vindo a ser cada vez mais ultrapassados é o facto das tecnologias da computação e da robótica estarem a invadir praticamente todas as áreas da nossa vida, de forma cada vez mais sofisticada, com os seus

produtos: na economia e no trabalho; na vida doméstica e privada; nos cuidados de saúde; na atividade militar. Posto isto, há quem já advirta para a necessidade de prever as consequências éticas, sociais e económicas da introdução da robótica, tal como aconteceu com a física nuclear e a engenharia genética (Veruggio apud Maia, 2018, p.142).

Seguindo o entendimento de Platão (427 a.C – 347 a.C), em *O mito da caverna*, percebe-se que o homem daquela época vivia em um mundo limitado por crenças e certos conhecimentos míticos. Por assim ser, esses homens viviam num mundo de ilusões, acreditavam, pois, nos seus sentidos e assim terceirizavam a razão. O filósofo alerta para a racionalidade e diz ser ela libertadora, pois clareia e ilumina. Por sua vez, Parmênides (530 a.C – 460 a.C) também corrobora, ajudando-nos a compreender a questão, ao afirmar que os sentidos estão sempre tentando nos manipular e, por isso, devemos nos ater à racionalidade. Por assim ser, entende-se que a razão se trata de uma verdade sem emoções e sensações.

Correlacionado com o filme, é notável que a personagem Evelyn não se preocupou com essas questões ao transacionar seu marido para uma I.A, visto que, como ela não estava ciente dos impactos que poderiam surgir a partir do procedimento, tomou decisões sem se utilizar da razão, deixando-se levar pelas suas paixões e emoções, desatenta à possibilidade de que poderia desencadear uma verdadeira distopia, onde uma inteligência artificial iria controlar toda a humanidade. É notável que o Wil era aquele Android, contudo a sua essência foi se modificando, tendo em vista que ele se tornava um ser mais complexo e com os valores mortos, focado em evoluir e se expandir, como observamos na teoria dos metassistemas, sem se importar em manipular sua esposa assim como as pessoas ao seu redor para obter êxito no que deseja.

2º SIMPÓSIO SOCIEDADE EDUCAÇÃO E TELA

A partir da apresentação de estudantes pesquisadores da graduação e da pós-graduação mestrado PPGCINE (em mesa redonda) envolvidos com a pesquisa nas teses e do PIBIC: ENTRE O HUMANO E O PÓS HUMANO: COMO SE APRESENTA O CIBORGUE?". O bolsista PIBIC foi um dos palestrantes na qual expor a sua pesquisa e problematizou questões ligadas ao pós-humanismo, transhumanismo e a identidade dessa condição enquanto rizomática, fragmentada, líquida e sempre transcendente, porque o centro nervoso da pesquisa é o novo estatuto do ser no âmbito da cibercultura, o chamado "ciborgue" ou "pós-humano". Logo em seguida, os outros orientandos, componentes da mesa, também debateram com uma significativa participação dos ouvintes, fomentando um bom debate.

Objetivo Geral: Problematizar e fomentar o debate acerca de questões ligadas ao pós-humanismo, educação e sociedade.

Programação: Mesa I Sociedade, pós-humanismo e tela – 26 de abril de 2023 às 14:30h.

Palestrantes: Cleberton de Carvalho

Gustavo Santos Almeida (Palestrante PIBIC)

Joseane Domingos de Jesus

Mesa II- Educação, pós-humanismo e tela 26 de abril de 2023 às 19h.

Palestrantes: Lais Vasco

Valéria Santana

Yasmin Resende

Local: Mini-auditório UFS/ITA

Mediadores: Prof. Dr^a Christina Ramalho (UFS)

Prof. Dr^o Nefantalin Gonçalves Neto (UFRPE)

Comissão Organizadora: Cleberton de Carvalho

Gustavo Santos Almeida (Palestrante PIBIC)

Joseane Domingos de Jesus

Lais Vasco

Valéria Santana

Yasmin Resende

Coordenador do Evento: Prof. Dr^o Jean Paul D' Antony.

O Simpósio foi de fundamental importância, visto que a temática abordada apesar de ser atual, ainda é pouco debatida na comunidade acadêmica, e serviu como uma reflexão para os demais participantes a respeito das nossas relações com a tecnologia em cenário pós-humano, tanto que acarretou uma série de debates a respeito do tema abordado, e outras questões relacionadas ao cinema, sociedade e educação. Dessa forma o evento conseguiu atingir o objetivo desejado, assim como concluiu com mérito todo o cronograma solicitado do projeto de pesquisa do Professor Dr^o Jean Paul D' Antony.

Artigo Submetido

Diante do exposto, foi construído um arquivo de textos científicos e de imagens para estudos e problematizações no NUPELC, e ocorreu submissão e na revista **Dialogia** (aguardando a publicação), com o intuito de expor os resultados das pesquisas no qual se articulou sempre os trabalhos no ensino, na pesquisa e na extensão nos níveis de graduação e

pós-graduação. Também foi ofertado de um simpósio intitulado “Sociedade, Educação e tela” no dia 26 de abril para alunos de graduação e pós-graduação em trabalho conjunto com colegas convidados a propósito desta temática, com isso cumprindo o cronograma solicitado do projeto de pesquisa do Professor Drº Jean Paul D’ Antony.

6.Perspectivas de futuros trabalhos

Os futuros dos novos rumos da pesquisa, se dará em torno da obra cinematográfica *O último voo do flamingo* (2011), de João Ribeiro, ligada a obra literária do *O último voo do flamingo* (2005), de Mia Couto. O estudo da identidade nessas obras surgiu a partir de algumas inquietações acerca de como conceitos como colonização, pós-colonização, tradição imaginário são usados academicamente para se indagar a identidade como tentativa de resgate de uma entidade perdida. Trabalhamos com duas transitamos por conceitos que não podem fechar-se numa casca, porque todos eles estão submetidos, ou melhor, funcionam dentro da mesma história, do movimento contínuo e, conseqüentemente, do devir identitário. De modo que, as abordagens teóricas aqui tomadas não somente com discurso pelo problema, mas também conduziram nosso discurso através de nossas inquietações.

O Stuart Hall trata da questão no livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) quando coloca na superfície de seu raciocínio o enfraquecimento das identidades e do sujeito unificado na modernidade. Hall assume uma postura que irá corroborar o tempo todo com o nosso percurso de investigação identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (2006, p. 13). Se levarmos em conta o lugar da tradição, seguimos invenção das tradições, “por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente a natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; um relação ao passado. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer a continuidade bastante artificial.” (Hobsbawm, 1997, p.09-10). Ainda que necessárias, “as tradições inventadas das sociedades africanas – inventa pelos próprios africanos, como reação - distorceram o passado, mas tornaram-se em si mesmas realidades através das quais se expressou uma in conflitos coloniais.” (Ranger, 1997, p. 220). Neste sentido, essa retomada não pode ser pensada a partir de uma ideia de sutura de tradição ferida, porque partimos do princípio de que a tradição, como uma identidade, da qual se tenta retomar, ou retornar, é artificial, uma invenção, um simulação ainda sim necessária e vital.

A narrativa fílmica *O Último Voo do Flamingo* consegue traduzir a divisão dos

capítulos, das máximas e provérbios da sabedoria popular que compõe em planos cinematográficos de história, luta e política porque “a ideologia de um filme não assume a forma de declarações ou reflexões diretas sob encontra na estrutura narrativa e nos discursos usados – imagens, mitos, convenções e estilos visuais.” (TURNER, 1997, p. 146). O filme não apresenta capítulos, mas em muitas situações da narrativa insere-se a sabedoria popular sem que se perca o intento ideológico. No que se refere à tradução intersemiótica, pretendemos utilizar Maurice Blanchot em duas obras: *A parte do fogo* (1997), *O Livro por vir* (1984), olhar teórico necessário sobre os espaços literários e acerca das narrativas. Ele afirma que:

Toda linguagem pode oferecer a cada momento dois aspectos opostos [mas que copulam entre si], um verbal, o outro ideal. Todo texto pode ser a ponto de vista: com relação aos seus fenômenos materiais – sopro, som, ritmo e, por extensão, palavra, imagem, gênero, forma –, ou com relação a sentimentos, às idéias, às coisas que ele revela (Blanchot, 1997, p. 50).

Objetivos

GERAL

Problematizar o conceito de identidade na tradução intersemiótica da literatura e do cinema africano.

ESPECÍFICOS

- a. Identificar as substâncias amorfas dessas identidades fragmentadas e desmanchadas no espaço colonial e pós-colonial;
- b. Apresentar a manutenção do espaço colonial ao pós-colonial no estudo da identidade;
- c. Analisar, a partir da escolha das obras cinematográficas, as questões fronteiriças e de pertencimento;
- d. Descrever os conflitos de várias ordens entre tradição e modernidade;
- e. Redimensionar as teorias do pós-colonial frente à pesquisa no campo estético na graduação e na pós-graduação dentro da UFS.

7. Referências bibliográficas

ANTONIO, Keoma. **Transhumanismo e suas oscilações Prometeico- Fáusticas: na era da tecnociência demiúrgica**. Natal. PPGFIL.2018.

BARRY, Max. **Homem-máquina**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 2002. 4º

edição.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue: As vertentes do pós-humano**. Edt. Autêntica, 2009. 2 edição.

MAIA, João Jerónimo. **Transhumanismo e pós-humanismo – descodificação política de uma problemática contemporânea**. Tese de doutorado em estudos contemporâneos. Universidade de Coimbra. 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. São Paulo. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo. 2008. 3 Edição

RUDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós humanismo**. Porto alegre. Edipucs.2008.

TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

WAJCAMN, Judy. **GERENCIAMENTO como um homem: mulheres e homens na gestão corporativa**. Edt. Polity Press, 1998. 1 edição.

ZABOLI, Fabio; CORREIA, Elder; LAMAR, Adolfo. Corpo, tecnologia e desporto: Considerações a partir do caso Danielle Bradshaw. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22,n. 2, 659-670, abr./jun. de 2016.

REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

Transcende: A Revolução. Direção: Wally Pfister. Roteiro: Jack Paglen. Produtores: Aaron Ryder, Andrew A. Kosove, Annie Marter, Broderick Johnson, Christopher Nolan, David Valdes, Kate Conhen, Marisa Polvino. Distribuidor: Diamond Films Brasil. Duração 120 min. País: EUA. 2014

8. Outras Atividades

- Participação em cursos e aulas.
- Participante da comissão organizadora do II SINUPELC - II Simpósio do Núcleo de Pesquisas literárias e cinematográficas.
- Palestrante da **Mesa I Sociedade, pós-humanismo e tela** – 26 de abril de 2023 às 14:30h.
- Submissão do artigo na Revista **Dialogia** (aguardando publicação).
- Participante no Curso Preparatório PRÉ-PIBIC, referente ao Edital ° 02/2022 COPES/ POSGRAP/UFS, no dia 20 de novembro de 2022.